



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

**Lucas Gonçalves da Silva**

**Uma análise discursiva sobre a representação de Lampião no Cangaço**

**Delmiro Gouveia (AL),  
2022**

**Lucas Gonçalves da Silva**

**Uma análise discursiva sobre a representação de Lampião no cangaço**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas - Campus Sertão, como requisito parcial para integralização do curso.

Orientadora: Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann

Delmiro Gouveia - AL

2022

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca do Campus Sertão**  
**Sede Delmiro Gouveia**

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S586u Silva, Lucas Gonçalves da

Uma análise discursiva sobre a representação de Lampião no  
Cangaço / Lucas Gonçalves da Silva. - 2022.  
49 f.

Orientação: Débora Raquel Hettwer Massmann.  
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de  
Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Análise de discurso. 2. Cangaço. 3. Lampião. 4. Ima-  
ginário social. 5. História. I. Massmann, Débora Raquel  
Hettwer. II. Título.

CDU: 81'322.5

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito para a  
obtenção do título de Licenciado em Letras — língua portuguesa.



Lucas Gonçalves da SilvaUFAL

DATA DE AVALIAÇÃO: 16/05/2022

## BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 DEBORA RAQUEL HETTWER MASSMANN  
Data: 19/07/2022 14:39:14-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

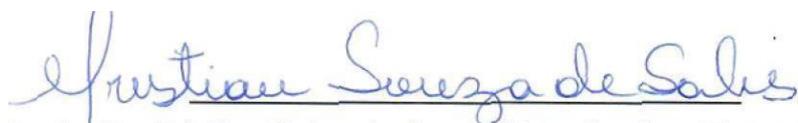
Profa. Dra. Débora Raquel Hettwer Massmann(Orientadora - UFAL)

Documento assinado digitalmente  
 CEZAR ALEXANDRE NERI SANTOS  
Data: 19/08/2022 11:29:19-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Cezar Alexandre Neri (Examinador Interno - UFAL)



Profa. Esp. Tatiana Weber Mallmann (Examinadora Externa - UNISC)



Profa. Dr. Cristian Sales de Souza(Examinadora Externa - UNEB)

Delmiro Gouveia - AL, 16 de maio de 2022

*Dedico este trabalho a minha mainha Telma Helena Fernandes Gonçalves por acreditar em mim e no poder da educação em minha vida.*

## AGRADECIMENTOS

Viver no mundo acadêmico não é uma tarefa fácil, isso porque, é neste ambiente, que conhecemos o lugar o do outro e nos deparamos cotidianamente com o sombrio e mais solidário lado do ser humano. No entanto, diante de algumas “secas acadêmicas” encontramos diversos oásis no sertão que nos fazem continuar acreditando em mundo melhor. A aventura de estar na graduação se torna algo prazeroso e difícil, pois nos construímos, reconstruímos e nos moldamos todos os dias.

Agradecer é uma das maneiras mais felizes de viver a vida. Eu sou grato, primeiramente, a Deus por seu amor, suas benevolências e por ter me sustentado tantas das vezes quando a nau parecia rumar para o naufrágio, quando os porquês tomavam conta do meu interior e pela sua proteção, que durante as vezes que minha mente percorreu caminhos tortuosos. Obrigado, Deus, por me encorajar a construir minha própria história, desfrutar dos melhoressabores do mundo e entender que a vida é uma grande travessia.

Sou eternamente grato a minha Mãe por não desistir de mim, não desistir dela e acreditar no poder transformador da educação em minha vida. Ser mãe solo nunca será uma tarefa simples e romântica, mas a senhora conseguiu enfrentar todas barreiras, preconceitos e desorganizações desse mundo tão cruel. Que orgulho eu tenho de você, Dona Telma!

Minha gratidão à professora Débora Massmann por despertar em mim a vontade de enxergar os discursos como uma forma crítica de compreender os processos de significação e me provocar a entender meu lugar quanto sujeito crítico-reflexivo para que eu possa cultivar sempre o interesse da pesquisa em Análise de Discurso. Agradeço, também, pelas aulas em que muitas vezes precisei me desconstruir e entender que os sentidos estão para além de nós.

Agradeço a todo corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, do curso de Letras - Campus do Sertão, na pessoa da professora Cristian Sales que por meio das discussões promovidas em suas aulas, despertou em mim a vontade de acreditar em um mundo melhor através da educação e me fez

entender como a língua é um meio passível de falhas e que por essas falhas os sentidos se constroem. Além do mais, que despertou em mim a vontade de acreditar numa prática docente crítica, numa pedagogia responsiva e na sala como sendo um ambiente transformador. Aos meus amigos e amigas de cursos: Raquel Lisboa, Camila Beatriz, Julia Gonçalves, Simone Souza, Evellyn Souza, Ana Isabel Gomes, Taynah Leite, Victor Figueredo, sou eternamente grato por compartilhar com vocês muitas tardes da minha vida e dispor de experiências e saberes múltiplos.

Agradeço as minhas amigas, que de diversas formas estiveram comigo em todo esse momento da minha vida. As minhas emocionadas (tóxicas) Raquel Lisboa e Tuany Nery. Ao meu grupo de amigas que não entendem o que é limites: Luana Barros, Kione Kelly e Keizha Karíchelle. Agradeço também por ter uma Helena em minha vida, que sabe reconhecer junto comigo os sabores desse mundo. A Bárbara Lisboa, minha fada sensata que presenteou o universo com a mais das perfeitas Bella. Sou muito grato, também, ao meu parceiro João Oliveira por compartilhar comigo bons momentos da vida, por ser uma pessoa que me apoia, me ajuda e faz com os fardos se tornem mais leves.

A toda minha família, meu tio Peloco que supriu toda a necessidade de uma presença paterna quando criança, aos meus demais tios: Anselmo, Adelson e Cícero por partilharem bons momentos da vida. As minhas tias Eliane e Santa, em especial, a minha tia falecida Luzia que sempre foi para mim um sinônimo de alegria, força e um dos grandes motivos para eu não desistir. A minha vovó Lili por ter cuidado de mim com tanto amor, afeto e carinho e ao meu papai Adelmopor sempre me defender e ter lutado pelas minhas conquistas. A todos os meus primos e minhas primas, deixo aqui minha gratidão por toda partilha, troca e responsabilidade que temos uns com os outros. Agradeço a mim pelos erros, pelos acertos, pelas minhas travessias e por sempre acreditar em mim, mesmo quando isso se parecia difícil. Gratidão por todo orgulho que habita em meu interior.

*Há uma determinação histórica que faz com que só alguns sentidos sejam "lidos" e outros não.*

*Eni Orlandi*

## RESUMO

O cangaço foi um movimento social armado no sertão que ocorreu, por exemplo, por consequência da miséria e das desigualdades sociais que predominam no cenário nordestino. Lampião foi o grande personagem desse movimento, pois não se conformava com a forma em que o sertão era visto pelo poder público e pelos grandes latifundiários. Desse modo, enxerga no cangaço uma forma de fazer “justiça” para possa modificar o meio em que o sertanejo estava inserido. Nesse sentido, o presente trabalho busca analisar os discursos construídos sobre Lampião e sua representação no cangaço, que acarreta diferentes formas no processo de significação. Para esta análise evocamos os dispositivos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, desenvolvida por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, que reconhecem o discurso como um objeto teórico e estuda suas relações políticas, ideológicas e sócio-históricas. Para isso, debruçamo-nos com Orlandi (2006; 2015; 2017), Pêcheux (2014), Bezerra (2015), dentre outros/as. Diante desses aportes, buscamos entender os discursos construídos sobre Lampião e o cangaço pelo imaginário social, como uma forma de questionar seu lugar social, o contexto em que os cangaceiros/as estavam inseridos e a maneira como eram jogados à própria sorte. Assim, buscamos refletir sobre a representação da figura de Lampião no cangaço e apresentar como esse movimento cangacista não pode ser analisado por meio de um viés que consagra a história do cangaço como sendo única e verdadeira. Além do mais, que as noções de bandido, vilão e/ou herói, Robin Hood do sertão são dizeres que o imaginário social criou para apagar e silenciar o verdadeiro cangaceiro que foi Virgulino Ferreira da Silva.

**Palavras-Chave:** Análise de Discurso; Cangaço; Lampião

## ABSTRACT

The cangaço was an armed social movement in the sertão (backlands) that occurred, for example, as a consequence of the poverty and social inequalities that predominated in the Northeastern scenario. Lampião was the great character of this movement, because he did not conform to the way the sertão was seen by the government and the large landowners. In this way, he sees in the cangaço a way to do justice in order to change the environment in which the sertanejo was inserted. In this sense, this study seeks to analyze the discourses constructed about Lampião and his representation in the cangaço, which entails different forms in the signification process. For this analysis we evoke the theoretical-methodological devices of Discourse Analysis, developed by Michel Pêcheux and Eni Orlandi, who recognize discourse as a theoretical object and study its political, ideological and socio-historical relations. Therefore, we focus on the theories of Orlandi (2006; 2015; 2017), Pêcheux (2014), Bezerra (2015), among others. In light of these contributions, we investigated the discourses built about Lampião and the cangaço by the social imaginary, as a way of questioning their social place, the context that the cangaceiros were inserted and the way they were played to their own fate. Thus, we seek to reflect on the representation of the figure of Lampião in the cangaço and to present how this cangacist movement cannot be analyzed through a perspective that enshrines the history of the cangaço as being unique and true. Furthermore, the notions of outlaw, villain and/or hero, Robin Hood of sertão are sayings created by the social imaginary to erase and silence the real cangaceiro that was Virgulino Ferreira da Silva.

**Keywords:** Discourse Analysis. Cangaço. Lampião.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.</b> .....	12
<b>2. DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	15
<b>3. UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O CANGAÇO E O DESCENDENTE DE UM SISTEMA SOCIAL</b> .....	20
3.1. Língua, história e memória: apontamentos. ....	20
3.2 Resignificando sentido(s): um olhar sobre o rei do cangaço .....	23
<b>4. A FIGURA DE LAMPIÃO NO SERTÃO E OS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS</b> .....	32
<b>5. CONSIDERAÇÕES</b> .....	45
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

Entender como os sentidos são construídos não é um caminho simples, tendo em vista que estamos trabalhando com algo que não é organizado, já que o sentido pode ser sempre outro Orlandi (2015). No entanto, a existência do discurso faz com que os sentidos possam se organizar. Logo, discursos diferentes, produzem sentidos variados. A partir desse entendimento de discurso e sentido, buscamos, neste trabalho de conclusão de curso, analisar como os discursos construídos pelo imaginário social produzem sentidos sobre o cangaço e Lampião. Desse modo, o imaginário vai “fabricar” um jogo discursivo que reflete o cangaço como um movimento de bandidos e a figura de Lampião como um herói ou vilão do sertão, apagando o contexto social, político, econômico e ideológico que esses sujeitos estavam inseridos, além do imaginário reproduzir discursos que são pautados em um olhar contemporâneo para os espaços que os cangaceiros ocupavam: um lugar de miséria, violência e injustiças.

Silenciar o fato que Lampião para muitos sertanejos de sua época foi um homem que em nome da lei modificou o cenário de sua época e não hesitou em lutar contra o desprezo de sua realidade socioeconômica e política do sertão é vendar as verdadeiras causas da história do cangaço e, tranquilamente, acreditar numa história tida como única e oficial que metamorfoseou nordestinos vistos como bravos em vilões. A aceitação e a conformidade em que muitos sertanejos estavam inseridos deixava Lampião inquieto, pois o cangaceiro não aceitava que a opressão, a fome, a incapacidade de lutar pelos seus próprios direitos fosse invalidada pelas autoridades da sua época. A “justiça” feita por Lampião e seu bando desafiava toda a conjuntura política de seu meio, uma vez que esse cangaceiro lutava com força e estratégia para aniquilar as propriedades de um sistema que os senhores feudais imbricaram no sertão.

O cangaço, como aponta Bezerra (2015), é um assunto muito sério, pois representa uma manifestação de luta de classes geradas nas caatingas. Assim, é possível compreender como o povo pobre, analfabeto e marginalizado, lutava contra o rico analfabeto com um sentimento de revolta por estar preso num

emblema radical que os jogava à própria sorte. O movimento do cangaço no Nordeste não pode ser explicado por uma causa absoluta, contudo, foi disseminado por um conjunto de fatores como, ameaças, “conquista de terras” por parte dos grandes latifundiários, que determinavam grandes desigualdades econômicas e sociais. Desse modo, o sertanejo estava sujeito as atrocidades desumanas por consequências da elite social da época.

Os discursos produzidos pelo imaginário social sobre a figura de Lampião e do cangaço buscam determinar um lugar para os sujeitos que fizessem parte desse movimento fossem vistos como ladrões, justiceiros e pessoas violentas. A partir desses discursos construídos que retoma a outros dizeres, recorreremos ao dispositivo teórico da Análise de Discurso proposta por Michael Pêcheux e Eni Orlandi, para compreendemos o atravessamento desses discursos por questões históricas, ideológicas, políticas e sociais, as quais colaboram para o processo de organização dos sentidos. Dessa maneira, as noções teóricas como formação imaginária, formação discursiva, interdiscurso/memória discursiva, condições de produção irão nos amparar no processo de compreensão e significação de sentidos sobre o Lampião e sua representação no cangaço.

No primeiro capítulo deste trabalho, é elucidada a categorização do cangaço no sertão nordestino. Um movimento armado que aconteceu por questões políticas e territoriais. Além de ser feita uma análise sobre o significado do termo “cangaço” e como os significados criados para essa palavra deslizam sentidos que colocam o sertanejo cangaceiro em um lugar de desigualdades. Comisso, buscamos entender as narrativas construídas por esse movimento e comoo imaginário social construiu uma imagem dos sujeitos dentro do cangaço. Como compreende Orlandi (2008) o discurso não se deixa usar como um instrumento neutro. Nessa perspectiva, os discursos cria um viés de violência sobre os sertanejos que lutaram contra o poder público e as forças volantes que silenciam as feridas causadas por um regime que não concordava em reconhecer os direitos e as garantias dos nordestinos.

No segundo capítulo, fazemos uma análise sobre a figura de Lampião e os efeitos que são produzidos, para isso, objetivamos entender como o imaginário construiu a imagem de um Robin Hood do sertão ou de um vilão que apenas matou e disseminou terror. Analisar a imagem de Lampião no sertão é sair dos extremos de herói ou bandido e perceber que ele foi um cangaceiro buscando justiça. Além do mais, é preciso situar essa produção de sentidos por meio do contexto histórico-social do tempo que Lampião viveu. As vivências de Lampião atribuem diversos significados para seu lugar social e sua inscrição na história. A categorização evocada pelo imaginário sobre Lampião ainda tende a percorrer pela contemporaneidade como sendo esse cangaceiro um vilão ou bandido do sertão. No entanto, é preciso entender a figura de Lampião no cangaço como um sujeito produz sentidos de sua representação contra os poderes oligárquicos e os mecanismos que buscavam fazer do sertanejo um sujeito erradicado de suas garantias individuais.

## 2. DESDOBRAMENTOS TEÓRICOS

A Análise de Discurso surgiu na França, na década de 1960 como uma abordagem diferente ao pensar a Ciência da Linguagem. Foram as indagações do filósofo Michel Pêcheux que colaboraram para a discussão das questões que intervinham um formalismo estrutural que enxergava a linguagem apenas como um sistema de regras para os estudos discursivos. A partir dos questionamentos de Pêcheux, é possível compreender como as condições de produção constituem a Análise de Discurso.

As ideias desenvolvidas por Pêcheux em seus estudos permitiram se pensar sobre o objeto simbólico na esfera das ciências sociais e entender como o discurso, em sua prática, consegue atribuir valor ao trabalho com o simbólico produzindo sentidos. A primeira publicação de Michael Pêcheux na revista *Cahiers por l'analyse*, o filósofo, de acordo com Henry (2014), já tentava uma abertura teórica nas ciências sociais, tendo em vista que não concordava com a situação em que essas ciências estavam. Desse modo, como aponta Lima (2021), Pêcheux procura ofertar às ciências sociais um instrumento que possuísse um viés pré-científico.

A Análise de Discurso se constrói por meio dos diversos campos científicos como, por exemplo, a linguística, a psicanálise, o marxismo, para que assim, possa compreender sentidos e pensar sobre a língua, a história e o sujeito como adventos não transparentes. Contudo, como reflete Orlandi (2006), a Análise de Discurso não está fundida à linguística, à psicanálise e ao marxismo, porém perpassa por esses campos teóricos. A Análise de Discurso pode ser, então, entendida como uma disciplina, pois concebe que diferentes espaços teóricos possam ocupar as relações que os objetos simbólicos constroem na sua produção de sentido. Dessa maneira, segundo Orlandi (2015) que a Análise de Discurso não estaciona na interpretação, mas trabalha seus limites e mecanismos dentro do processo de significação. Para Pêcheux, segundo Henry (2014) o discurso vai ser construído a partir das formações discursivas que os

sujeitos atribuem aos seus diferentes objetivos de interesse, por meio desses objetivos que é possível entender e indagar sobre as ideias e o funcionamento da língua, da história e do sujeito.

Para pensar o discurso nesse campo teórico é preciso considerar os fatores ideológicos, sociais e históricos, uma vez que o discurso não é fixo, se manter sempre em movimento e se move de acordo com as transformações que integram a vida humana, sejam elas ideológicas, políticas ou sociais. Pêcheux ao pensar o discurso, como aponta Orlandi (2015) reflete como o efeito de sentidos que é produzido entre os interlocutores, os sujeitos que são manifestados através do uso da linguagem. O discurso visto como uma ação social, pode ser entendido a partir do que Orlandi (1999, p. 15) defende:

A palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Analisar o discurso resulta em compreender sentidos dos sujeitos por meio de seus dizeres, possuindo a produção de sentidos como parte dessas práticas ideológicas e sociais, isso porque o discurso é o efeito de sentidos em que diversos sujeitos ligados às formações ideológicas e formações discursivas diferentes são interpelados por formulações feitas e já esquecidas, mas que determinam o que dizemos Orlandi (2015).

Contudo, há outros fatores que implicam nesse processo de significação e do jogo discursivo que é construído por meio do discurso. O filósofo Pêcheux buscou compreender o discurso como um objeto em seus estudos entende que a língua é um meio que atravessa a história, a ideologia e se conecta as produções de funcionamento do discurso, por isso, a língua para a Análise de Discurso como compreende Orlandi (2015) não é fechada, mas produz um encadeamento com o mundo, com as formas de produção de sentido(s) e significação que o sujeito se relaciona. Todavia, os estudos discursivos para Pêcheux não se detêm somente a ideia que o filósofo compreende por língua. Orlandi (2008, p.42)

reflete que o discurso também é histórico “porque se produz em condições determinadas e projeta-se no futuro, mas também é histórico, porque cria tradição, passado e influencia novos acontecimentos”. Assim, a história é de fundamental importância para o processo de produção/interpretação de sentidos, pois começa a se relacionar com as práticas e não com o tempo. Dessa maneira, Orlandi (2008) aponta que a história não pode ser entendida como uma trajetória de acontecimentos estabelecidos por uma cronologia.

O sujeito para a Análise de Discurso pode ser visto como uma intervenção e ação transformada na produção de sentidos, uma vez que o sujeito está para a relação que existe entre a história e a ideologia. Henry (1992, p. 188) afirma que “O sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”. O sujeito do discurso é visto, então, como um sujeito que tem um papel na intervenção da linguagem, na história e na sua relação com ideologia.

A Análise de Discurso por meio dos questionamentos realizadas por Michael Pêcheux aborda diversos espaços, nos quais essa disciplina se movimenta. E por estar em movimento, não se prende, nem se estagna às ideias, mas apresenta o discurso como sendo uma funcionalidade dos movimentos/sentidos construídos, pois, como reflete Orlandi (2015), nenhum discurso é o mesmo, uma vez que todo discurso se relaciona com outro discurso e sustentam dizeres futuros no processo discursivo.

Como postulado, a Análise de Discurso foi consolidada na França com o objetivo de intervir o excessivo formalismo linguístico da época. No Brasil, por sua vez, a difusão e o desenvolvimento da Análise de Discurso se deu por meio da professora e pesquisadora Eni Orlandi, que durante um período ditatorial, de repressão e censura, buscou um lugar de referência para essa disciplina, o que hodiernamente pode ser visto nos quadros acadêmicos institucionais. No entanto, é preciso salientar que os pretextos que difundiram a Análise de Discurso na França não foram os mesmos ocasionados aqui no Brasil, no final

da década de 70. Ora, na França, o cenário político da época se impunha contra a nova tendência das ciências sociais. A Análise de Discurso, no Brasil, por sua vez, teve que enfrentar a Linguística, que pregava um viés estruturalista já que a disciplina não buscava entender a língua apenas como um sistema. Para isso, é preciso ressaltar que até na contemporaneidade, o entendimento de língua por meio da Linguística é pautado numa ideia estrutural, como sendo transparente e autônoma, não é a mesma noção da Análise de Discurso, tendo em vista que para o analista de discurso, a língua é de ordem material, inscrita na história, opaca e que permite a possibilidade do equívoco como um fenômeno estruturante. Com isso, a língua na Análise de Discurso pode ser entendida como um meio passível de falhas, pois a partir dessas falhas é que os sentidos se permitem a deslizar.

Durante o período de desordem no Brasil, a professora Eni Orlandi resolve viajar até a França e se depara com os estudos de Jean Dubois e Michel Pêcheux: Análise Automática do Discurso. Ao retomar para o Brasil, Eni se dá conta que a conjuntura social e política havia se intensificado por consequência do regime militar que assombrava a vida dos brasileiros. No entanto, Eni Orlandi resolve prosseguir seus estudos sobre a Análise do Discurso, aparada no material de Pêcheux. Contudo, busca entender os discursos de cunhos religiosos e pedagógicos da época, uma vez que, analisar sobre as condições de produção que o discurso político se movimentava em um momento de repressão seria perigoso. Com isso, a Análise de Discurso chega ao Brasil por meio das indagações e satisfações que a professora Eni Orlandi encontra nessa disciplina, uma vez que a partir do pensamento político sobre o sujeito e não transparência da linguagem que os discursos atravessam e movimentam seus efeitos de sentidos.

A Análise de Discurso, portanto, busca construir seus objetos discursivos para inferir sentidos por meio daquilo que propõe Pêcheux: entender os espaços discursivos das transformações de sentidos a partir de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinidos das interpretações (Pêcheux, 1990). Com isso, é possível perceber que o que a Análise de Discurso procura

trabalhar é compreender como a linguagem funciona na produção de sentidos em seu caráter materialista.

A Análise de Discurso, diante disso, vai se construindo, como aponta Lima (2021), não como uma teoria pronta, mas, como uma teoria que está sempre em movimento, produzindo sentido por meio das “rupturas” presentes de questões como o mundo, o discurso, a língua e o sujeito frente a essas superfícies. Assim, há uma ligação existente entre história e ideologia, sendo o sujeito resultado dessa relação, tendo em vista que o sujeito na teoria discursiva mantém uma relação que se inscreve com o outro, em sua configuração no processo discurso e de significação.

### **3. UMA ANÁLISE DISCURSIVA SOBRE O CANGAÇO E O DESCENDENTE DE UM SISTEMA SOCIAL**

#### **3.1 Língua, história e memória: apontamentos**

Durante o início do século XX, a população brasileira, em sua maioria, vivia sofrendo com o regime das oligarquias que era implantado pelas elites que estavam localizadas na região conhecida como café-com-leite. Diante disso, grande parcela do território nacional sentia o descaso gerado pelas autoridades constituídas, notadamente, a região do Nordeste era a mais afetada, tendo em vista, que a falta de preocupação por parte do governo em desenvolver condições favoráveis e dignas para o sertanejo fazia com que a fome, a miséria e a falta de meios de sobrevivência agravassem a vida dos sertanejos diante o cenário de seca que pairava no Nordeste.

Diante desses impasses e do esquecimento do governo para com as camadas pobres da sociedade, movimentos revolucionários ganharam força em diversos lugares do país como a revolta de Canudos, na Bahia, liderada por Antônio Conselheiro, o movimento do Contestado liderado pelo beato José Maria, em Santa Catarina e no Paraná. Na região nordestina, mais especificamente no sertão, os movimentos cangacistas tiveram como líderes Antônio Silvino, Jesuíno Brilhante, Sinhô Pereira, José Calango e Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que se tornou o mais famoso de todos os cangaceiros.

O cangaço no sertão nordestino foi um movimento social armado, que se deu por disputas políticas e pela aquisição de terras. A resistência do governo brasileiro perante a miséria e a desigualdade social que predominava diante da população na regional nordestina foram os principais motivos para o surgimento desse movimento. O cangaço, então, apresenta sua origem no início da colonização brasileira e não como banditismo, meio que a elite agrária do Nordeste procurou disseminar.

O termo cangaço ainda divide algumas dúvidas. Para Iokoi (2005), o termo tem origem da palavra canga, uma ferramenta de madeira feita para prender os bois na carroça. Simbolicamente esse termo pode ser entendido com o peso que os cangaceiros carregavam e que vai começando a se produzir sentidos negativos, que percorre por sinônimos de bandidos, valentes, justiceiros e ladrões para os pobres. Macêdo (2014), teoriza que a terminologia “cangaço” surgiu do hábito de os antigos bandoleiros que sobrecarregados de armas, como o bacamarte sobre os ombros e uma canga de jungir bois, por exemplo. Assim, criou a noção que estes indivíduos andavam debaixo do cangaço.

Para Neto (2015), a palavra cangaço é definida como resíduos, bagaço, utensílio de casa pobre. O mesmo registro pode ser observado alguns dicionários da Língua Portuguesa como o Aurélio e Houaiss. Dentre os sentidos observados, o dicionário de Língua Portuguesa de Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft e F. Marques Guimarães, acrescentou a expressão de “animal magro”. Além do mais, Souza (2004) explica:

O estigma de que todo homem sertanejo é magro, desdentado, sujo, faminto, estúpido e assassino é paradoxal diante da valentia e da astúcia dos cangaceiros. Creio que no tocante, há uma identificação direta do povo que mesmo não conseguindo enfrentar o sistema cruel que lhe massacra a existência, projeta-se nos cangaceiros e através deles, resolve muitos dos seus problemas que, infelizmente, voltarão com o sol da manhã seguinte (SOUZA, 2004, p.19).

É possível inferir, a partir desses dizeres, que o cangaço sempre foi visto como um movimento em que sertanejos eram atingidos pela seca, pelas desigualdades eram percebidos como animais magros, que se mantinham apenas no couro e no osso. Assim, esse discurso de que o cangaço é um bagaço persiste no imaginário social como uma forma de deixar marcas nos sujeitos que foram diretamente participantes desse movimento. Dessa maneira, as sustentações dessas formações discursivas produzem efeitos de sentidos que compreendem como os cangaceiros, nordestinos e sertanejos, que viviam à margem da sociedade, eram rotulados como animais magros, são esquecidos e marginalizados. Com isso, é evidente que os

sentidos dos dizeres eles não param, mas mudam de lugares e criam horizontes na vida de diversos indivíduos.

A palavra cangaço precisa ser vista como um elemento significativo para além de uma relação apenas com os nordestinos, pois, como fundamenta Orlandi (2015, p. 60) “Uma palavra, na mesma língua, significa diferentemente, dependendo da posição do sujeito e da inscrição do que diz em uma ou outra formação discursiva”. Assim, o verbete cangaço pode designar, também, uma alternativa sem esperança para os homens e mulheres que viveram uma história de protestos, contra um sistema social injusto e desigual que, hodiernamente, ainda atormenta parte do povo brasileiro.

Diante de todos os movimentos sociais ocorridos no Brasil, o cangaço é o que ganha grande espaço no imaginário social sendo responsável pelos temas, figuras e estruturas das semi-narrativas das situações de seu dado momento de criação. Além de ir contra a ideologia pregada na época, uma vez que o objetivo do movimento era lutar contra as retaliações sociais que o sertanejo enfrentava. Como reflete Orlandi (1999), a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Assim, as várias noções ideológicas que estão em confronto na sociedade produzem sentidos e constroem sujeitos. A partir, da visão ideológica que representa uma ordem social no mundo, o cangaço, movimenta-se constituindo sentidos.

Esse movimento, portanto, precisa ser analisado dentro do seu contexto histórico, da formação e evolução do sujeito, como também, dentro da sociedade e da cultura sertaneja, não sendo entendido apenas como um banditismo. Os discursos sobre o cangaço estão para além das questões de terras vistas por grandes latifúndios e do poder coronéis, é necessário entender como o discurso voltado para esse movimento também compreende o sertão.

Sertão é o nome desse cenário de vida difícil, zona fisiográfica perfeitamente definida em seus contornos naturais e sociais. Foi lá que a decadência precoce da colonização iniciada na segunda metade do século XVII, interrompendo o fluxo de penetração social menos de cem anos após seu início, veio a decretar o isolamento das populações já

assentadas, empobrecidas a ponto de não se animarem a voltar para o litoral, além de asselvajadas por guerra longa e surda contra as tribos indígenas nativas e contra os animais bravios, notadamente, quanto a estes últimos, o felino que dizimava o gado. Isolamento e incomunicabilidade respondendo pela característica mais marcante do universo cultural sertanejo: o arcaísmo. Ainda hoje se pode sentir o eco do que foi esse traço fortíssimo da vida social fixada na caatinga, por conta do abandono em que esta jazeu ao longo de séculos. Nos modos de produção, nas relações negociais, na religiosidade, na moral, inclusive a sexual, na linguagem, nas formas de resolução de conflitos, nos jogos, no lazer, na predominância do interesse privado sobre o público, do individual sobre o coletivo, em tudo, enfim, a mumificação dos costumes provocada pelo isolamento deitou seu braço poderoso, a ponto de se respirar ali, ainda nas primeiras décadas do século passado, um clima humano muito próximo do quinhentismo<sup>3</sup> e do seiscentismo<sup>4</sup> trazidos pelos portugueses do primeiro momento da colonização (MELLO, 2004, p. 20).

É possível, desse modo, considerar que o cangaço se caracterizou como um movimento social, dentro do seu contexto, que muitos viviam em situação de desemprego, fugindo da seca em busca de condições de vidas melhores. Contudo, os discursos sobre Lampião dentro do cangaço repousam sobre um viés capitalizado. As feiras livres, por exemplo, não propagam, nem vendem a história e/ou figuras de sujeitos vistos como criminosos, mas o rei do cangaço é alguém que seu passado é representado e não há uma reprovação total, mas uma admiração. Assim, é possível perceber como os sentidos evocados sobre Lampião atestam-se para uma geração de homens e mulheres valentes que lutaram para almejar uma sociedade mais justa e igualitária, refutando uma visão deturpada, retrógrada e inconsciente de que o cangaço era um movimento que apenas dispunha de indivíduos sem piedade com o objetivo de fomentar o terror na sociedade.

### **3.2 Resignificando sentido(s): um olhar sobre o rei do cangaço**

Lampião foi um produto de seu meio, vítima de um sistema político-social que colocava à margem a sua vida social e de forma injusta o entregava à própria sorte. Além do mais, que Virgulino resolve entrar para o cangaço tentando também vingar a morte de seu pai, o Sr. José Ferreira que foi morto pelo tenente

José Lucena sem motivo aparente ou indagação alguma. Como apresenta Facó (1965):

O exemplar mais famoso entre os cangaceiros é Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, descendente de uma morigerada família de pequenos criadores e cultivadores do município de Serra Talhada, estado de Pernambuco. A exemplo do que aconteceu com o Conselheiro, com Antônio Silvino e tantos outros, famílias poderosas locais, os Nogueiras e Saturninos, perseguem a sua família. Um dia, matam-lhe uma cabra. Os irmãos Ferreiras vingam-se, assassinando um desafeto. Para escapar às malhas de uma justiça que será contra eles, fogem para o estado vizinho de Alagoas. Aí mesmo, em 1918 ou 1919 o velho Ferreira é assassinado a mando das mesmas famílias que já haviam perseguido em Pernambuco. Os filhos, Virgulino, Antônio, Ezequiel e Livino, que morreriam todos em combates com a polícia, ingressaram no cangaço, juntando-se Virgulino ao bando de Sebastião Pereira, Sinhô, então, dos cangaceiros mais famosos do Nordeste. Seu objetivo é vingar a morte do pai (FACÓ, 1965, p. 64)

A sociedade dos anos de 1920 e 1930 no Brasil vivia uma pseudodemocracia, em que o governo não justificava a violência exagerada nem os fatores nefastos ligados à vida dos sertanejos. Nessa perspectiva, a constituição desse sujeito diante ao sistema que estava inserido, fazendo com que a posição-sujeito que Lampião ocupou seja pensada a partir do seu lugar de origem, dos seus processos discursivos que levam a atender as razões de um homem simples, que diante a sua vida conturbada busca no cangaço uma forma de paz.

Desafiar o poder como aponta Bezerra (2015) foi o maior erro ou maior mérito de Lampião, já que o sertanejo que pegava em armas e constituía um bando era estereotipado como um mártir da desengraçada organização social que oprimia quem dependia dele para sobreviver. Lopes (2006) explica que sobre o fato de que o cangaceiro não nasceu bandido, nem acordou e pensou: “agora vou ser bandido nômade e espalhar terror nas terras nordestinas”. Os cangaceiros, diante do desprezo ofertado pelo poder público, ver no cangaço, um escape para modificar o cenário a que diversos brasileiros estavam inseridos. Para Orlandi (2015), os sentidos não se esgotam no imediato. Assim, mesmo diante dos discursos projetados e constituídos pelo imaginário social de que o cangaço

era apenas um movimento de bandidos, ser cangaceiro/cangaceira era antes de tudo um ato de valentia para enfrentar todo caos que pairava no sertão.

Os discursos fazem efeitos diferentes para diferentes interlocutores (ORLANDI, 2015). Assim, a forma que o sujeito se inscreve dentro da história determina a noção ideológica e sua posição-sujeito numa dada sociedade. Lampião fazia parte de uma materialização ideológica que matar não se tratava apenas de um crime por vinganças. Mas, como aponta Bezerra (2015) em entrevista ao *Diário de Pernambuco* a um cidadão de Exu, foi relatado que a violência no sertão era uma devoção, tendo em vista, que o indivíduo que não matou nenhuma pessoa, se sente humilhado e com vergonha, já que no entender de sua época assassinar era uma forma de provar sua masculinidade. Diante disso, a imagem de Lampião passa a ser vista como o cabra macho do sertão, por suas ações realizadas no sertão do bacamarte, por isso, que era comum que todo homem do sertão tivesse posse de uma arma de fogo, ou de uma faca que também passou a ser vista como “peixeira”. Reproduzir esse discurso de que a masculinidade do sertanejo é conquistada por meio de assassinatos compreende um viés ideológico de apagamento dos nordestinos que viveram contra as forças volantes e os poderes públicos sem usar a violência como uma forma de revolução. Ademais, que isso se insere em um silenciamento dos sujeitos homens da época que não eram cangaceiros, nem concordavam com a morte de outras pessoas, o que não justifica dizer que suas masculinidades deveriam ser feridas e/ou desaprovadas.

O movimento do cangaço trazia uma representação de emancipação do campo para os pobres que buscavam revolucionar seus direitos em uma sociedade moldada pelos padrões primitivos e medievais, em que o poder era quase absolutista, centralizado apenas na mão de uma única pessoa. A partir disso, Lampião e seu bando ganham fama por impor diante suas estratégias terror ao governo e também respeito. Foi dessa forma, que o maior cangaceiro e seu bando tem forças reconhecidas pelo governo republicano e é convidado a combater a Coluna Prestes, um movimento de guerrilha que fez parte do cenário brasileiro nos anos de 1920, buscando fazer com que a população enfrentasse

as supremacias das oligarquias da época. Com as bênçãos do padre Cícero, Lampião e seu bando recebe armas do governo para guerrear contra esse movimento, fazendo com que sua imagem de bandido percorra para o imaginário social agora como herói. No entanto, Lampião chega em Juazeiro, no de 1926 para combater a Coluna Prestes, sendo surpreendido pelo fotógrafo libanês Benjamim Abrahão que mostra a imprensa nacional a face de quem seria o maior cangaceiro de sertão, promovendo a fama de Lampião como um homem sertanejo violento, criando até fatos violentos que ele não cometeu.

Observando o vídeo “Desconstruindo Heróis: Lampião”<sup>1</sup>, é possível perceber que desde seu título há uma forma que corresponde uma busca de silenciamento e apagamento das lutas de Lampião e seu bando contra as injustiças sociais por parte do governo. A palavra evoca sentidos de uma busca que objetifica desmontar na história um grupo social, o que reflete, possivelmente, que o canal procura teorizar a ideia de que Virgulino Ferreira somente aterrorizou a história/vida de diversos sujeitos. Com isso, esse dizer de “desconstruir heróis” compreende como os sentidos não se esgotam no imediato, mas produzem efeitos diferentes para diferentes interlocutores. Ora, o vídeo proposto pelo canal ascende a ideia de transmitir para o imaginário social, as lutas de um cangaceiro como apenas violência, matança e terror, projetando dizeres que qualquer pessoa que fosse contra Lampião seria considerada um indivíduo morto, o que teoricamente, leva a entender o que Orlandi (2015) assinala quando refere que o discurso não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Dessa maneira, é possível compreender que as palavras mudam de sentido, a partir das posições que estão empregadas. Com isso, observamos que o vídeo determina uma posição, na qual o imaginário social tende a reproduzir sobre Lampião, de um homem que sua imagem de herói precisa ser desconstruída e moldada apenas por um viés de um homem

---

<sup>1</sup> Vídeo intitulado “Desconstruindo heróis: Lampião”, na plataforma YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xXZfNFRlno>. Acesso em 10 jan.2022.

Mal e vilão, quando apenas o Virgulino era um cangaceiro que buscava no movimento do cangaço uma forma de fazer justiça.

O simbólico produzido pelo vídeo compreende sentidos que as lutas que Lampião mantinha chega a ser entendida como um cenário diabólico que ele causava sobre o sertão. Sendo assim, o canal cria um estereótipo de Lampião como um diabo que este na região nordestina como um diabo para apenas disseminar atrocidades e injustiças com o povo, além de assumir um posicionamento de defesa para com as volantes, vendo a polícia como um meio de punição que era bastante dura, mas que seus atos cometidos não era nem de longe tão ruim quanto aqueles que eram vistos fora da lei. Dantas (2008, p. 39-40) aponta que a polícia barbarizava o sertanejo de forma indiscriminada, enquanto que Lampião buscava tratar bem o homem do campo para o seu apoio. Acrescenta, ainda, que a qualificação dos policiais era mínima. A soldadesca, em geral, e até mesmo parte do oficialato, mal sabia escrever os próprios nomes. Eram “brutos”, na correta acepção da palavra.

Entender a posição que o canal assume sobre a polícia é inferir que todo dizer tem um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos, por isso, a posição sujeito criada de/sobre Lampião no vídeo constrói um pensamento de que Virgulino é visto apenas como um sinônimo de crueldade, em que em seu período tentou impor um regime de total submissão e terror contra todo povo do sertão, fazendo uma referência de Lampião a Hitler e para além disso, aos grupos intitulados de criminosos pelo canal, os que também se tornaram vítimas de um sistema por um governo que não proporciona qualidade de vida para os cidadãos. O objetivo aqui não é romantizar as ações que os grupos atuais praticam, mas que é uma falácia partir por uma comparação como é feita no vídeo.

Compreender as premissas de Lampião e do cangaço sem fazer uma análise das circunstâncias de sua época e do ambiente que era o sertão, evocando apenas olhares da contemporaneidade sobre a vida dos cangaceiros: sujeitos que rezavam e matavam com a mesma humanidade e crueldade,

assume uma posição de que a história não é transparente para o sujeito. Assim, é possível entender que os sentidos eles não estão predeterminados por propriedades, porém estão ligados às relações que são constituídas pelas formações discursivas, por exemplo. O cangaço, a partir disso, pode ser entendido como um movimento que se tornou um meio de vida, já que ser cangaceiro era quase que possuir uma profissão, além do que se tornar um sujeito que desbravava as cantigas é entender como os fatores políticos, sociais, ideológicos e econômicos moldava a situação da vida dos sertanejos (BEZERRA, 2015). Os discursos de/sobre Lampião e seu bando deslizam sentidos até a contemporaneidade com significações que não levam em conta as circunstâncias de seu tempo e do meio que estavam inseridos.

A construção da imagem de Lampião no vídeo reflete revela, ainda, como os sentidos se constituem e funcionam como mecanismo para interpretação, o que pode deixar o sujeito preso a uma interpretação quando não compreende os sentidos que é projetado pelo simbólico. Os indivíduos que visualizam esse vídeo podem estarem presos no deslizamento de sentido que favorecem a imagem de lampião com um cangaceiro autoritário e terrorista, em que todo e qualquer que fosse contrário a ele e suas vontades seria morto. No entanto, sobre essa perspectiva Bezerra (2015) fundamenta:

Lampião não perdoava delatores. Ele dizia que ninguém era obrigado a lhe avisar de nada, mas quem soubesse de alguma coisa e lhe avisasse, ele agradeceria muito. Se o sujeito era pego pela polícia e posto em confissão para dizer se viu ou onde estavam os cangaceiros, não devia sofrer, podia dizer. O que Lampião não perdoava era alguém, espontaneamente, tomar a iniciativa de ir procurar a polícia para contar isto ou aquilo. Ele prevenia: a regra do bom viver é ouvir, ver e calar, porque em boca fechada não entra mosca. (BEZERRA, 2015, p. 19)

O canal Fatos Interessantes assume uma postura sobre a imagem de Lampião que não reconhece as fragilidades vividas por eles e seu bando em sua época, trazendo uma visão central e deturpada que é refletida pelo Bezerra (2015) apresentando Lampião diante as fragilidades que encarava no sertão, perante aquela conjuntura histórica de face significativa:

O sertanejo temia Lampião na mesma medida que o admirava, porque, para a gente rude das caatingas, igualmente vítima do arbítrio da polícia e da exploração dos coronéis, Lampião encarnava o papel de um herói vingador. Naquele mundo primitivo, em que o poder público se omitia em face dos dramas familiares e das questões sociais e fundiárias, os sertanejos, resignados com a sua situação de injustiça, miséria e humilhação, embora temessem Lampião, admiravam-no porque ele fazia o que todos gostariam de fazer mas não tinham coragem. Para pobres criaturas que não possuíam nada além da própria desgraça, era confortador ver os coronéis - homens prepotentes, intocáveis, que se consideram donos do mundo, que matavam e mandavam matar, acostumados a tomar as terras dos vizinhos mais fracos e a sugar o sangue e escorraçar seus trabalhos - baixar a crista diante daquele homem do povo, filho de almocreve, um zé-ninguém. (BEZERRA, 2015, p. 21).

Virar cangaceiro fazia o pequeno se tornar gigante. Assim, é possível perceber como o sertanejo via em Lampião aquilo que ele queria ser: um homem à frente do seu tempo que lutava contra a omissão do poder público diante das questões sociais, tornando de Lampião uma representação imaginária, em que os sujeitos são interpelados a tomarem e determinarem seu lugar na sociedade. Dessa maneira, marcar o seu lugar dentro de um imaginário fez de Virgulino um cangaceiro que protestava contra um povo largado às injustiças sociais, cristalizando um discurso na contemporaneidade pelo povo do sertão, como um homem que era a manifestação de alma coletiva, de um povo que vivia injustiçado e abandonado à própria sorte.

A manifestação significativa construída sobre Lampião projeta sentidos, hodiernamente, de um discurso mesmo que histórico e que cria tradições é atravessado pela história e influencia novos acontecimentos. Por isso, não é justo que o imaginário social projete e idealize Lampião como um vilão. Contudo, não é consentâneo apresentá-lo como um ser humano “bonzinho”. Não há meio-termo para isso, uma vez que todo maniqueísmo é arriscado. Os dizeres, então, tem uma história e os sentidos evocados sobre eles não se esgotam no imediato, mas produzem diferentes efeitos.

As mazelas sociais que assolavam o sertão do bacamarte se tornaram um reflexo dos fenômenos que ocorriam no Nordeste, além da violência política que existia na região e da força incisiva dos coronéis que contribuía para o fomento de um cenário social desprezível. O sertão se torna uma representação

de mundo, especialmente, um mundo de significados que constitui o mundo em significação. O mundo é que Lampião e seu bando construiu, o cangaço, está para além de um movimento visto como homens que atuavam armados para saquear cidades e vilas da região nordestina. O cangaço representa e projeta verdade de um povo analfabeto, que de forma coletiva manifestou uma luta de classe nas caatingas contra o domínio absolutista dos coronéis que, também, eram analfabetos. Todavia, arrogantes, ricos e que não dispunham de uma meta definida, mantendo apenas uma revolta contra Lampião e seu bando, sem nenhuma consciência social e/ou orientação ideológica.

O cangaceirismo e lampião não podem ser vistos por um viés de apagamento, silenciamento e desprezo de sua realidade social, econômica e política da história do sertão nordestino de sua época. Apagar esse fato é omitir da história a verdade do cangaço e aceitar uma história criada, tida como oficial e única de que os cangaceiros corajosos foram transformados em vilões sem consciência Bezerra (2015). Entender esses dizeres é ver como o simbólico abre uma janela para a produção de sentidos. Lampião fazia justiça com a própria para legitimar a coragem do seu povo e questionar as sentenças, as ofensas e arbitrariedade que o sertanejo enfrentava.

O imaginário social consagrou um discurso de que lampião e seu matava por arte, sem entender como se dava a vida nos sertões que se mantinha sempre em ameaça e as circunstâncias de sua época. Os sujeitos, hodiernamente, tendem a repetir essa construção de pensamento, uma vez que produzem apenas sentimentos de admiração ou repulsa sobre lampião, chegando a ser considerados como lampionófilos ou lampionófobos (Bezerra 2015). Está no cangaço para Lampião não uma obrigação, mas uma maneira de encontrar com que seus desejos pudessem realizados, para isso Tapioca (2004) apresenta:

Ninguém vivia no cangaço obrigado. Lampião sempre dizia que ser cangaceiro estava no querer e no destino de cada um. Muitos levavam essa vida até morrer, outros se cansavam e tentavam mudar de nome e iam tentar a vida em outro lugar, construindo família, na esperança de encontrar sossego e paz. Mas muitas vezes não conseguiam, e então retornavam ao cangaço na convicção de que lá era sua verdadeira família. (TAPIOCA, 2004, p. 63)

Ser cangaceiro era um ato de resistências contra os poderes oligárquicos, a falta de condições favoráveis de vida e a imposição do governo contra a sociedade pobre da época. Lampião não aceitava ver o conformismo que abrangia o cenário nordestino: a afeição pela opressão que causava sofrimento no povo sertanejo, a ausência em contestar seus direitos e garantias individuais. A partir disso, o cangaceiro percebe a necessidade de se fazer presente contra a fragilidade nordestina, o absolutismo e autoritarismo dos coronéis e busca aplicar uma nova ordem, a sua “moda” de fazer justiça no sertão que é esquecido, marginalizado e amedrontado pelas autoridades.

O terreno sagrado que as alpercatas de Lampião pisaram: as caatingas nordestinas, marcam a luta de um homem e seu bando que enxergou no movimento do cangaço um meio de quebrar com o monopólio que atingia as famílias sertanejas. Ver o sertão por uma perspectiva que estava presente nos óculos de Lampião: como os grandes latifundiários disseminavam uma sobrevivência meritocrática para os sertanejos? Um domínio latifúndio que chegava a devorar a vida dos nordestinos, moldando a sociedade em rios de privilégios, nos quais o sujeito nordestino de classe pobre era esquecido. Virgulino Ferreira da Silva “em nome da lei” com pretexto de dismantelar o sistema da época, não hesitava em enfrentar a polícia pelo reconhecimento de justiça que o povo do sertão sentia sede. Lampião aparecia como um enviado meio herege, gentil ou até mesmo um heterodoxo que buscava resolver o conformismo e as negligências que o sistema ofertava ao sertão. Há ainda diversas figuras de Lampião soltas e que vão aparecer, porque se não há paz para o povo, não há paz para o governo.

#### **4. A FIGURA DE LAMPIÃO NO SERTÃO E OS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS**

Compreender como se constrói os sentidos não é uma tarefa fácil, uma vez que isso está ligado a algo desorganizado como fundamenta Orlandi (2007). Contudo, o discurso se torna um caminho responsável para a organização dos sentidos. Os sentidos e o discurso, por sua vez, mantêm uma relação com a história. A história faz sentido, assim, os processos históricos significam de diferentes formas e compreendem como o simbólico produz sentidos. Além do mais, que os sentidos, constantemente, se apropriam do interdiscurso, por exemplo, para balizar ou controverter dizeres já construídos, palavras que já têm sentidos. Dessa maneira, é necessário pensar como os discursos atravessam a historicidade e se nutrem pelo imaginário a partir da construção da figura de Lampião emoldurada como bandido ou herói.

Nessa perspectiva, por meio das condições amplas de produção do discurso, segundo Orlandi (2015), envolvem o contexto sócio-histórico e ideológico do discurso. Desse modo, procuramos entender os efeitos de sentidos e os processos de significação que são produzidos no imaginário social sobre/de Lampião como bandido ou herói do sertão. Assim, é preciso pensar como as palavras significam por meio da história e da língua, compreendendo a constituição de seus sentidos em diferentes formações discursivas.

Os discursos imbricados ao longo da história sobre Virgulino Ferreira da Silva encontram-se na confluência dos dois eixos: o da memória e da atualidade (ORLANDI, 2015) sobre a questão: “Lampião foi um bandido ou um herói?”. Essa é uma das questões mais simples que o imaginário construiu. Lampião foi um cangaceiro. Em meados do século XX, o Nordeste era uma região de cangaceiros. Ser cangaceiro era moda, como fundamenta Bezerra (2015). Desconhecer a realidade do sertão brabo daquela época e fazer emissão de valor sobre fatos vividos pelos cangaceiros não é um meio a ser evocado, é

preciso interpretar o passado com olhos do seu dado momento. Compreender quem foi Lampião e como os discursos sobre ele reverberam na atualidade e produzem sentidos, faz de necessidade situar-se com o contexto histórico-social do seu tempo e o espaço geográfico que ele viveu, percebendo como as interpretações funcionam pelas significações que são produzidas.

Para entender a ideia que o imaginário social construiu de Lampião como um vilão ou Robin Hood do sertão, é necessário inferir sentidos de como a história contribuiu para isso. O cangaço que foi um movimento que caracterizou o banditismo perdurou durante as últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX, nas áreas do nordeste brasileiro. O cangaceiro, então, visto como sujeito protagonista desse movimento é considerado aquela pessoa de vida seminômade, carregando tralhas que necessita para suas vivências. Lampião se torna um grande destaque dentro do cangaço quando resolve fazer justiça, já que viu seus pais sendo brutalmente assassinados. Além do mais, é importante pensar como o passado possibilitou a relação do homem cangaceiro com suas vivências passadas e seu lugar social, atribuindo sentido ao passado e a esse lugar. Le Goff (2003) buscou caracterizar o passado como a principal interpretação da história:

[...] o objeto da história da história é bem esse sentido difuso do passado, que reconhece nas produções do imaginário uma das principais expressões da realidade histórica, nomeadamente de sua maneira de reagir perante seu passado. Mas está história indireta não é a história dos historiadores, a única que tem vocação científica. O mesmo acontece com a memória. Tal como o passado não é a história, mas seu objeto, também a memória não é a história, mas um de seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica (LE GOFF, p. 49).

Dessa maneira, seguindo a percepção do historiador, é possível perceber como a história envolve questões que são importantes, a exemplo, da identificação do sujeito com seu passado, a memória, os hábitos, representações e toda mentalidade histórica que é criada pelo imaginário. Com isso, percebemos que mesmo com a tentativa de apagar da memória social a história do cangaço e promover a ideia de um homem que era bandido a herói do sertão, ressignifica e possibilita a difusão dos sujeitos nas construções de suas representações.

A representação de Lampião no cangaço tem importância para entender as lutas econômicas e os mecanismos sociais pelos quais o seu grupo se imponha como, por exemplo, a tentativa de viver de forma diferente da concepção social que era colocado pelo estado na época, vivendo a partir de seus próprios valores e domínio. Wscley Rodrigues (2011) fundamenta que as percepções do social não podem ser encaradas como discursos neutros, são produzidas estratégias e práticas, para impor autoridade à custa de outras. Assim, compreendemos como o discurso produz sentido e significa a partir do seu trabalho social e construtivo do homem e de sua história. O imaginário social categorizou Lampião representando-o como um bandido, como Chandler e Frederico Pernambucano de Mello os viam. No entanto, não era o entendimento de um bandido sanguinário e nefasto em todas as suas ações, como refletido por anos nos jornais da época, construindo uma verdade que chegou a ser absoluta sobre o cangaceiro. O Lampião que Chandler (1980) opinou tratava-se de um bandido humanizado e profissional do crime:

Há uma tendência na história da humanidade para absolver os homens e as mulheres de seus crimes, se suas ações sobrepujarem as más. Portanto, as maldades cometidas por um bandido que roubou dos ricos para dar aos pobres podem não ser esquecidas, mas, certamente, serão obscuras. O comportamento de Lampião não se enquadra nessa categoria, pois, embora fosse capaz de atos de bondade, eles não constituem o fator predominante de sua carreira. Contudo, se o célebre cangaceiro não era um Robin Hood, era, pelos menos, um homem em quem o sentimento da bondade humana nunca secou completamente. Apesar das influências brutalizantes de sua profissão, conservou-se um homem normal, com os impulsos de um homem normal (CHANDLER, p. 269-270).

O discurso construído acerca da imagem de Lampião ainda tende a se enquadrar num viés de um bandido que espalhou terror pelo sertão nordestino e assassinou covardemente diversos sujeitos, fazendo que esse discurso aponte para outros discursos e sustente dizeres futuros, já que o discurso é visto como um processo discursivo amplo e contínuo. Desse modo, não é possível dizer que há um discurso absoluto e preciso sobre o papel de bandido das caatingas ou de Robin Hood que Lampião esbravejava no sertão, isso porque um dizer tem relação com outros dizeres já realizados, o que permite entender que o lugar no

qual o sujeito pertence contribui para a significação de uma relação na história, como aponta Orlandi:

O lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. Assim, se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno. O padre fala de um lugar em que suas palavras têm uma autoridade determinada junto aos fies etc. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentava no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, 1999, p. 39-40)

Nessa perspectiva, é possível perceber que os discursos inscritos na sociedade funcionam a partir das projeções e dos lugares que os sujeitos ocupam. Dessa maneira, é mais convincente reproduzir um discurso de um cangaceiro consagrado como bandido do que um símbolo da cultura popular nordestina, reproduzindo o discurso de ser um humano de vida errante e disposto a viver na criminalidade. Com isso, o mecanismo do imaginário força a relação de sentidos com a formação imaginária produzindo diferentes possibilidades para reger a formação social de um sujeito na história.

O grande cangaceiro do sertão nordestino enfrentou uma vida lapidada pela dor e pelas mazelas que lhes eram oferecidas. A seca, por exemplo, além de gerar grandes dificuldades para os sertanejos como fome, falta de recursos econômicos tornado um lugar desagradável para vida fez com que o Lampião se tornasse um herói para enfrentar as condições precárias, para isso ele precisa desbravar as caatingas, por meio de suas leis, condutas e domínios. O poder de Lampião cresce com o tempo e ele toma os cantos do sertão nordestino espalhando respeito e medo, sendo temido e ovacionado. Sua fonte de poder levou a uma grande ilegalidade com o estado, por crimes, assassinatos e sequestros, uma vez que roubava dos ricos fazendeiros para os mais pobres. O homem que viveu da morte agregou seguidores, que não simpatizavam com a ideia de ser um sertanejo oprimido e passaram a lutar com o Robin Hood do sertão contra os tiranos. A partir disso, Lampião começa a ser visto como um diabo para o sertão que aterroriza e espalha medo. Essa figura de um

bandido perdura até a contemporaneidade de um homem que fazia justiça matando. No entanto, é necessário compreender que esse discurso é puramente refletido, em sua grande maioria, por sujeitos que mantinham uma reação à arbitrariedade do Rei do Cangaço em não aceitar que sertanejos pobres vivessem à margem da sociedade.

A relação discursiva entre Lampião e a construção de sua imagem constitui diferentes ideias, fazendo com o discurso opere dentro das posições discursivas que os sujeitos produzem pela formação imaginária. Assim, a identificação de um homem bandido ou herói produz sentidos em que o imaginário social, por meio de uma construção política e ideológica, constitui a formação de um homem cruel. Sendo assim, a história de Lampião como protagonista do cangaço compreende sentidos de uma identidade nordestina, de sertanejos que lutavam contra as opressões do sistema. Contudo, o imaginário popular não aceita esse discurso e reproduz a ideia de um homem que aumentava as atrocidades, fazia ataques e nega a sua personalidade histórica no sertão e que não concebe o cangaço como ver CARDOSO (2001):

O cangaço torna-se, assim, elemento de resistência, ainda que marcada pela ausência de reflexão mais profunda e refinada da parte dos que a ele aderem ou manifestam simpatia :nega-se a partir de um sentimento difuso de injustiça, de descaso, de falta de perspectivas, ou mesmo de indistinção, de incapacidade em reconhecer quem é verdadeiramente o mocinho ou o vilão em uma situação em que o terror e a opressão constituem os únicos meios de administração dos conflitos, seja da parte dos poderes legalmente constituídos, seja por parte dos que se põe à margem da lei. (CARDOSO, 2011, p.02)

O drama social provocou grandes conflitos nos seios do cangaço, tanto pelas condições de vida da população, quanto pela calamidade dessa classe que só crescia. A partir disso, é possível compreender que o discurso de que a vida do cangaceiro estava sujeita a problemas reflete ao fato de que compreender o simbólico produzindo sentidos. Dessa maneira, fica evidente que o processo de significação da vida de Lampião está preso no sentido de um homem bandido que aterrorizou o sertão. Contudo, Virgulino mantinha uma preocupação sobre os personagens típicos da pobreza: fazer com que o poder destinasse a qualidade de vida que lhes foi arrancada.

Apresentar discursivamente a vida de Lampião e suas trajetórias sociais é compreender as subjetivações que cercam esse mundo do cangaço. Para isso, é preciso refletir como a Análise de Discurso visa à compreensão do sentido simbólico que produz sentidos. Dessa forma, é necessário entender como o discurso está ligado à formulação de sentidos do discurso. Portanto, o discurso sobre a imagem de Lampião no sertão nordestino reflete e retrata a realidade dos sujeitos de sua época, entendendo seu contexto e o meio social que estavam inseridos.

O imaginário social sempre dificultou que a imagem de Lampião fosse categorizada de forma verdadeira, refletindo a realidade de forma fantasiosa. Muitas foram as fantasias escritas sobre o cangaço e os fatos realizados por Lampião e seu bando como, por exemplo, reproduzir o discurso de que Lampião em determinada festa obrigou que todas as pessoas dançassem nuas. No entanto, isso torna-se uma falácia, pois sendo um cangaceiro moralista não permitiria que isso acontecesse. A veracidade dos diversos relatos criados sobre Lampião nunca foi confirmada em pesquisas bibliográficas e/ou criteriosas. São apenas lendas. Histórias que como fundamenta Bezerra (2015) estão somente ligadas ao anedotário lampiônico. O capitão do cangaço mesmo sendo semianalfabeto possuía uma inteligência fora do comum, para isso Bezerra (2015) aponta:

Lampião foi um exímio mestre na arte da luta de guerrilha, concebida e aprimorada em sua cabeça, sem nenhum aprendizado. Por pura intuição, de improviso, ele tomava as decisões adequadas, não somente nas horas de combate, mas também na adoção de medidas relativas ao abastecimento do bando, comunicação, deslocamento do grupo, escolha dos lugares para acampar, essas coisas que os especialistas chamam de “logística”. O capitão Virgulino certamente nunca ouviu essa palavra, mas concebia o seu significado prático como poucos. Se tivesse frequentado uma academia militar, seria um grande general, um exímio estrategista. Sabia dividir o comando. Seus ataques eram precisos e objetivos. Cuidava dos flancos e da retaguarda. Sabia como ninguém preparar uma retirada. (BEZERRA, p. 25)

Lampião era um homem cauteloso, observador e de grande imaginação. Das vezes, por exemplo, que pedia para que um coiteiro fizesse compras ou fosse à procura de alguma de suas encomendas, tinha o hábito de marcar com esse coiteiro o dia e o horário exato para seu retorno, quando o coiteiro não

chegava na hora marcada seria um sinal de que algo de errado havia acontecido. Contudo, a figura de Lampião vista pelo imaginário social não é de um sujeito inteligente, nem imaginativo, mas de um sujeito que seu saber estava apenas ligado às armas, dinheiro, poder e espalhar terror. Os discursos sobre Lampião sempre recorrem a ideias que permitem construir efeitos de sentidos que se reproduzem, fomentando e mobilizando a memória de acontecimentos que apenas sinalizam vivências e histórias, demarcando as atrocidades de um sujeito que marcou seu lugar de luta. Como aponta Orlandi (2015), os discursos já estão em processo desde quando nascemos e se originam a partir de nós. Dessa maneira, os discursos criados sobre Lampião deslizam pelo imaginário social durante os anos, produzindo estereótipos e colocando o famoso cangaceiro numa posição de herói ou, na maioria das vezes, como vilão. Lampião foi um produto do seu meio. Como aponta o cearense, Vieira (1968):

O sertão é cangaceiro porque jamais conheceu a ternura de uma carícia, de um afeto, de uma compreensão. Não pode ser flor quem sempre foi espinho. Até a vida no sertão é cangaceira! Até a natureza é cangaceira! Até o destino é cangaceiro! Até que até Deus é cangaceiro, também! (VIEIRA, p. 162-163)

Virgulino Ferreira, em sua juventude, buscava ajudar seu pai, mas por rigidez do destino, tornou-se cangaceiro para fazer sua vingança. Lampião por meio de sua vingança tornou o movimento cangacista uma forma de confrontar o anarquismo que os coronéis desbravaram no sertão. O famoso cangaceiro enfrenta a violência de uma sociedade atrasada e busca fazer com que o sertão seja visto como uma civilização que deixa de ser retardatária e procura confrontar a perturbação política causada pelos poderes oligárquicos da época. Dessa forma, Lampião revela as falhas de sua sociedade, da região nordestina que era vista como dissociada do país (algo que ainda tende a persistir, na contemporaneidade) e procura transformar as fronteiras do Nordeste como uma região unificada e moderna.

Analisar o discurso é fazer “sumir” e trazer de volta contradições, é entender o jogo discursivo que jogam entre si e manifestar esse jogo como um movimento de sentidos. A partir disso, é possível compreender como a figura de Lampião no sertão é vista discursivamente por um viés de dominação e

apropriação de um homem violento que se corrompeu e devastou o sertão. Além do mais, os sentidos construídos sobre Lampião refletem o seu corpo também. Os discursos quando aplicados à Lampião, numa visão de descrição tanto quanto figurada, expressam os sentidos de um homem monstruoso. Um corpo que é figurado, simbólico e rodeado de proteções divinas/mágicas. Prata (1933) escreve sobre as mãos de Lampião, por exemplo, como sendo algo que está separado do seu corpo, categorizando como mãos de matador, que estimulam repulsa e medo:

O que mais me impressiona no seu físico chocante são as mãos. São terríficas, expressivas, revelando um temperamento, uma vida. Extraordinariamente longas, no dorso, sobre um leque de tendões enrijados, dançam-lhe arabescos escuros de veias turgidas; recobre-lhe as palmas uma crosta áspera e acinzentada como pele de batráquio; os dedos finos, ósseos, compridos, terminados em unhas córneas e ponteagudas, enegrecidas como equimoses, ostentam inúmeros anéis, falsos e verdadeiros. Mas ferozes, convulsivas, astuciosas, brutais e ávidas. Parecem sempre febris, frementes, animadas de estranha vida como se cada músculo e cada nervo estivessem a receber continuamente a excitação de uma agulha elétrica. Mais que possuem hábitos horrendos, paixões furiosas. Se se elevam no ar, travam gestos de punhaladas, de estrangulamentos de gorjas. (PRATA, 1933, p. 26-27).

Como fundamenta Orlandi, "não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito" (ORLANDI, 2012, p. 93). O corpo de Lampião, na contemporaneidade, ainda é refletido como uma expressão do mal, um corpo diabólico, um corpo cheio de crueldades, sem beleza e afeições de marcas humanas. Contudo, é preciso discutir que este corpo responde a um corpo ferido pelas próprias forças do Estado que tornou de Lampião cangaceiro, quando assassinaram seu pai e o fizeram compartilhar com os demais nordestinos a miséria de sua época. Virgulino viveu numa sociedade que massacrava e profanava o cangaceiro como alguém que deveria ser um cadáver, vendo esse sujeito como estigma do mal.

O imaginário social sempre evocou um lugar para Lampião como sendo um ser horrendo, uma enfermidade para o povo sertanejo que estava apenas preocupado com sua vingança e a disseminação do banditismo no cangaço, produzindo sentidos negativos para as questões sociais que esse sujeito buscou

lutar. Além do mais, o imaginário popular criou uma ideia de que a sociedade sertaneja e o banditismo são peças indissociáveis. Ora, como se todo sertanejo fosse bandido. Esse pensamento, tornou-se um fenômeno estrutural que, hodiernamente, ainda persiste a visão que os indivíduos que participaram de forma real e profunda do movimento cangacista são sujeitos que deveriam ser combatidos a todo custo, tendo em vista que eram pessoas imbuídas do mal. Para Alessio (2004, p. 53), “os bandidos sociais surgiram como defensores dos valores morais da família, combatendo a injustiça social causada pela crescente desigualdade social”. Com isso, é possível compreender como Lampião e seu bando estavam preocupando também, (para além de seus interesses políticos), com o sofrimento que a população sertaneja estava submetida.

A imprensa da elite conservadora também sempre buscou disseminar a imagem de Lampião e seus cangaceiros como seres dissimulados, isso porque, a imprensa, sentia-se ameaçada das ações promovidas pelos cangaceiros, uma vez que esse meio de comunicação estava direcionado a propagar a defesa da elite. Para isso, procura por meio de imagens e representações múltiplas formar opiniões distorcidas dos cangaceiros. Os efeitos de sentidos construídos pela mídia da época, em consonância com o imaginário sempre buscaram (des)qualificar Lampião. São discursos que vestem a roupagem daquilo que é grandioso, no entanto, deslizam sentidos contraditórios. Consagrar Lampião sendo o “maior cangaceiro do Nordeste” como diversos jornais noticiavam é apenas representá-lo por meio de sua força nos exercícios nas caatingas, apagando o homem que lutou para conseguir sua existência(s). Como fundamenta Orlandi (2008) o discurso não é um reflexo da situação, nem está sendo determinado por ela, mas pode ser visto como uma representação da realidade. Assim, que os discursos construídos pela imprensa e que são propagados na contemporaneidade, emolduram a imagem de um cangaceiro que estava apenas preocupado com seus interesses políticos e territoriais.

Lampião e seus cangaceiros sempre ocuparam um lugar social marginalizado e sua luta buscava fazer com que esse cenário pudesse ser modificado a partir de seus interesses. O sujeito, como fundamenta a Análise de Discurso, ocupa uma posição social que produz um discurso determinado por

seu tempo histórico e seu lugar, por exemplo. A história é um campo simbólico, no qual os discursos que perpassam por esse campo podem ser confrontados com o mundo, com os sujeitos e com os sentidos. Lampião transformou a história em que estava inserido, pois apresentou a realidade natural e social do homem sertanejo como um deslocamento da realidade que o nordestino vivia. As interpretações que são feitas sobre Lampião pelo imaginário social chegam a ser inúmeras, uma vez que o jogo discursivo criado sobre esse sujeito, tornou-o um indivíduo que é preciso interpretar suas palavras e suas “coisas”. Logo, não conseguimos escapar das interpretações produzidas sobre o maior cangaçeiro, uma vez que não há sentidos sem interpretação, já que ela é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos.

Os discursos produzidos sobre o cangaço como meio de vida para Lampião e seu bando adornam em um viés de uma vida descontextualizada, tendo em vista, que esses sujeitos sempre foram visto como “senhores” de seus interesses, sendo sinônimos de agressão e exploração contra os mais fracos, sem estarem preocupados com o seu meio social, os pobres injustiçados e o sertanejo que sofria as mazelas do poder público. O que pode ser visto por Barro (2007):

Na minha perspectiva, os cangaçeiros não estavam preocupados com a ‘situação de miséria das massas’, mas com uma forma de, individualmente, poderem ter acesso aos bens que dispunham os ricos. Daí a indiferença com dilapidavam as economias dos sertanejos, agilizando a situação de miséria das populações mais pobres (BARROS, 2007, p. 172).

É possível compreender como há um esquecimento no discurso sobre a vida e a luta de Lampião e seu bando. Esse esquecimento como confere a AD pode acontecer de maneira enunciativa, uma vez que busca criar uma relação natural entre as palavras e as coisas. Ora, é dizer que Lampião é esse homem criado pelo imaginário social e que não pode ser visto de uma forma. Uma “ilusão referencial” como aponta Orlandi (1999) que traz uma relação direta com o pensamento e mundo. Dessa maneira, esse esquecimento ligado tanto a ordem ideologia, quando enunciativa chega a ser estruturante, pois buscar construir um

apagamento das vivências, lutas e vida sofrida de Lampião e seu bando. Para essa abordagem Orlandi reflete:

Ele é parte da constituição dos sujeitos e dos sentidos. As ilusões não são “defeitos”, são uma necessidade para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de sentidos. Os sujeitos “esquecem” que já foi dito (...) para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que (...) retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles (...) sentidos e sujeitos estão em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras. (ORLANDI, 1999, p.36)

Ao refletir sobre isso, compreendemos que os discursos sobre Lampião - o sujeito que é vilão ou herói - não o torna responsável dos sentidos que produz, mesmo sendo parte do processo de produção. A manifestação discursiva criada sobre Lampião apresenta um esquecimento de que todo discurso tem origem no social, no seu meio inserido, por meio de suas vivências e, também, parte de uma manifestação subjetiva, do seu comportamento quando sujeito e de suas expectativas no movimento do cangaço.

O cangaceiro é o resultado do seu abandono à própria sorte, vivendo em um ambiente hostil, da ausência da justiça do poder público. É um sujeito submetido a um contexto de miséria contínua. É claro perceber como o sertão sofreu/sofre com o descaso do governo para com as situações de urgências e gritantes da população sertaneja. O poder político não se preocupou para que os impasses que pairavam no sertão fossem minimizados e que toda essa negligência não refletisse no quadro social atual. Construir e comungar de dizeres nefastos sobre o cangaço, Lampião e suas rebeliões é não entender o contexto social, policial e ideológico do sujeito naquela época. Ainda mais, é usar vendas para a escassez de políticas públicas, de projetos paupérrimos, e o privilégio de uma classe senhorial, em que a maior parte de tudo estava concentrada nas mãos dos grandes fazendeiros. Entender as questões que concernem ao sertão do século passado é tocar na inércia da injustiça e compreender a luta de um povo esquecido, enganado e marginalizado. Os discursos e os sentidos sempre podem ser outros: a divisão, a incompletude, o político, a ideologia, são constantes que ensinam a pensar como a interpretação

pode ser plural. Os discursos sobre o cangaço e Lampião como meios devastadores do sertão significam como um olhar opaco e transparente, repetindo aquilo que o imaginário busca pregar: omitir a história dos verdadeiros vencedores.

O cangaceiro é o resultado do seu abandono à própria sorte, vivendo em um ambiente hostil, da ausência da justiça do poder público. É um sujeito submetido a um contexto de miséria contínua. É claro perceber como o sertão sofreu/sofre com o descaso do governo para com as situações de urgências e gritantes da população sertaneja. O poder político não se preocupou para que os impasses que pairavam no sertão fossem minimizados e que toda essa negligência não refletisse no quadro social, político, econômico e cultural da atualidade. Construir e comungar de dizeres nefastos sobre o cangaço, Lampião e suas rebeliões é não entender o contexto social, policial e ideológico do sujeito naquela época. Ainda mais, é usar vendas para a escassez de políticas públicas, de projetos paupérrimos e o privilégio de uma classe senhorial, em que a maior parte de tudo estava concentrada nas mãos dos grandes fazendeiros. Compreender as questões que concernem ao sertão do século passado é tocar na inércia da injustiça e entender a luta de um povo esquecido, enganado e marginalizado. Os discursos e os sentidos sempre podem ser outros: a divisão, a incompletude, o político, a ideologia, são constantes que ensinam a pensar como a interpretação pode ser plural. Os discursos sobre o cangaço e Lampião como meios devastadores do sertão ainda são reproduzidos com um olhar opaco e transparente, repetindo aquilo que o imaginário busca pregar: omitir a história dos verdadeiros vencedores.

As sociedades ao longo da história selecionam e fabricam representações de seus personagens por meio dos discursos que são construídos. Desse modo, que os sentidos e seus efeitos adentram no imaginário e interpelam os sujeitos, sendo agentes que emolduram o meio em que o sujeito está inserido, produzindo intencionalidades e interesse sobre o lugar de poder desse sujeito, por exemplo. Lampião foi uma das figuras mais importantes da história do sertão e do Nordeste, em que sua imagem é construída e cercada por constantes contradições. Virgulino Ferreira, teve sua figura manipulada de vilão e/ou herói

por interesse de uma elite política e econômica, enquanto, na verdade, foi um cangaceiro. Os movimentos discursivos sobre Lampião fabricam imagens de um homem que se apropriou de seu meio para lutar apenas por suas vontades sem compreender o contexto social que estava inserido. Os verbetes, as palavras, os vocábulos que o imaginário social estigmatizou sobre Lampião e o cangaço sempre mantiveram um lugar que buscava não legitimar a importância do movimento cangacista e a figura do maior cangaceiro, como aponta Orlandi (2007) a palavra significa, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, provendo de uma realidade significativa. Com isso, os discursos narrados sobre o bandido sanguinário e sem pudor desqualificam e desmontam a representação do cangaço, de Lampião e suas lutas.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Os sentidos são unidades performativas que estão inscritos em um contexto histórico, social, político e ideológico. São a partir desses meios que os dizeres são produzidos construindo através daquilo que já é dito. Todo dizer significa algo. Todavia, como fundamenta Orlandi (1948), o dizer não significa de qualquer maneira, porque ele está inscrito nas relações sócio-históricas, fazendo com o que o sujeito diga algo de uma forma e não de outra. Por isso, que os discursos imagéticos sobre Lampião e o cangaço deslizam sentidos que estão ligados às condições históricas, sociais e ideológicas. Com isso, questionamos os sentidos criados sobre o movimento cangacista e seu maior representante, como dispositivos que atravessados pela história estão inscritos num processo de significação.

Este trabalho apresenta um olhar aguçado sobre o funcionamento discursivo construído pelo imaginário social a respeito do cangaço e da figura de Lampião. É uma crítica ao afeito consueto e óbvio, pelo discurso de uma história única e verdade que é reproduzido até a contemporaneidade. Na busca de proporcionamos uma reflexão sobre a outra versão dos verdadeiros e suas feridas históricas que produzem sentidos que minimizam e invalidam suas lutas e revoluções nas caatingas, este trabalho de conclusão de curso apresentou uma análise discursiva sobre o cangaço e a representação da figura de Lampião, por meio de uma investigação de sentidos sobre esse movimento e esse sujeito, que ao longo do tempo e da história falácias continuam sendo disseminadas sobre os caganceiros, o cangaço e Lampião.

Elaborar um estudo sério sobre Lampião e o cangaço é, antes de tudo, separar os fatos reais das invencionices e mitos a seu respeito. Muita fantasia foi acrescentada aos fatos (BEZERRA, 2015). Além de que a maior parte dos livros é cópia de outros o que contribui para que tais invenções se propaguem. Lampião foi o maior do Nordeste brasileiro, por isso consagrado a Rei do cangaço, pois seus feitos, por meio de seu carisma e amplitude territorial que seu reinado alcançou. Contudo, seu trajeto não foi fácil, pois teve de enfrentar diversas batalhas e o comportamento mesquinho da elite de sua época. O poder

oligárquico de sua época estava acostumado a massacrar os sertanejos e dificultar ainda mais suas vidas. Mas, como o ditado popular “quem semeia vento colhe tempestade”. Lampião, o vingador, bandido, herói ou Robin Hood do sertão, chegava para dismantelar um sistema latifundiários e tornar do cangaço um movimento social que se recusasse a seguir uma única opção de vida.

Diante dessas considerações, o objetivo central dessa pesquisa foi analisar os sentidos construídos pelo imaginário sobre Lampião e o cangaço. O objetivo foi sendo estudado a partir da compreensão das condições amplas e estritas do discurso, das formações imaginárias e ideológicas sobre a figura de Lampião e sua representação no cangaço. Além do mais, buscamos investigar os sentidos e compreender como esses discursos criados sobre Lampião continuam a se perpetuar na contemporaneidade com olhares atuais e pejorativos sem reconhecer o contexto que esse sujeito se encontrava. Os objetivos dessa pesquisa foram trabalhados por meio dos dispositivos teóricos da Análise de Discurso, desenvolvida por Michel Pêcheux e Eni Orlandi, que atribui o discurso como objeto de estudo e entende sua relação com o histórico, o ideológico e a linguagem, buscando compreender o funcionamento do discurso e sua produção de sentidos.

Este trabalho começou a ser desenvolvido nas aulas de Projeto e Integrador 6, ministração pela Prof. Dr. Débora Massmann e se solidifica nas discussões realizadas no/grupo de estudo Discurso, Sentido e Sociedade (DISENSO) coordenado pela mesma professora. A leitura e discussão de textos e aportes teóricos, com a participação de especialistas convidados em Análise de Discurso foi de grande importância e muito colaborou para minha formação iniciante como pesquisador. A partir desse grupo de estudos que conseguir evoluir e amadurecer meus conhecimentos sobre os pressupostos e dispositivos da Análise de Discurso, além de entender como a linguagem e a história, por exemplo, compreende o funcionamento do discurso em diversas e variadas condições produção.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, v. 2, 1985.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BEZERRA, José Lima Irmão. **Lampião: a raposa das caatingas**. 3ª ed. Salvador: JM Gráfica & Editora Ltda, 2015.
- CARDOSO, Tânia Maria de Souza. **Literatura de Cordel sobre O Cangaceiro Lampião**. Mossoró: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2011.
- CARVALHO, Rodrigues de. **Lampião e a sociologia do cangaço**. Rio de Janeiro: edição do autor, s/d
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, O Rei dos Cangaceiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- CORRÊA SOBRINHO, Antônio. **O Fim de Virgulino Lampião: o disseram nos jornais sergipanos**. Aracaju: Gráfica Santana, 2008.
- DANTAS, Sérgio Augusto de Souza Dantas. **Lampião e o Rio Grande do Norte – a história da Grande Jornada**. Natal: Cartgraf, 2005.
- DANTAS, Sérgio Augusto de Souza Dantas. **Lampião entre a espada e a lei**. Natal: Cartgraf, 2006.
- Dutra, Wescley Rodrigues. **Nas Trilhas do “Rei do Cangaço” e de suas representações (1922-1927)** - João Pessoa: [s.n], 2011.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- HENRY, Paul. **A ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.
- MACÊDO. Heitor Feitosa (2014): **Origem da Palavra Cangaço**. Dez. 2014. Disponível em: . Acessado em: 03 dez. 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra à vista- discurso do confronto: velho e novo mundo**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 3ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise do discurso: conversa com Eni Orlandi. **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez 2006. Entrevista concedida à Raquel Goulart Barreto.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimentinhos sentidos**. Campinas: Unicamp, 1992.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005a.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- SOUZA, Anildomá Willans de. **Nas pegadas de Lampião**. Serra Talhada: Gráfica Folha de Interior, 2004.
- TAPIOCA, Roberto. **Lampião, o mito**. Olinda – PE. ed. do autor, 2004.
- LIMA, Thiago da Silva. **A “autorrecusa” em cenas no espaço digital: Processo de (in)significação do corpo preto no vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil”**. Delmiro Gouveia: UFAL, 2021.

VIEIRA, Padre Antônio. **Sertão Brabo**. São Paulo: Gráfica e Editora Brasileira, 1968.